

AUDIOVISUAL, GEOGRAFIA E SALA DE AULA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS PRELIMINARES A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID/GEOGRAFIA/FIC

Nilcilene Vieira
Danieli Azevedo Gomes
Cristiano Escobar Ramos
Eilton Bernardo da Silva¹

Orientadores:
Isaac Gabriel Gayer Fialho da Rosa
Rosilaine Sousa Araújo da Silva²

RESUMO

Este artigo trata da experiência do Projeto de Iniciação à Docência – PIBID, que tem como objetivo fortalecer a qualidade de ensino nas instituições de ensino superior com cursos de licenciatura, a partir da inserção dos licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de ensino. No subprojeto de Geografia ligado às Faculdades Integradas Campo-grandenses (FIC), há o objetivo específico de construir, por meio de ações didático-pedagógicas, a inserção de questões relacionadas ao ensino e à prática da Geografia que venham a aproximar os alunos/as bolsistas da realidade escolar, sendo o Colégio Pedro II unidade de Realengo onde se dará a intervenção dos alunos/as bolsistas com a orientação dos professores/as coordenadores/as e supervisores/as. A participação dos bolsistas iniciou em maio de 2014, a partir desta experiência ainda inicial que se baseia este relato de iniciação científica, alicerçado principalmente nas discussões teóricas e metodológicas e dos ciclos de debates onde podemos expor nossas ideias e ouvir a opinião dos demais licenciandos.

Palavras-chave: Geografia. Ensino. Audiovisual.

¹ Estudantes de Licenciatura em Geografia e participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID pelas Faculdades Integradas Campo-grandenses (FIC).

² Isaac Gabriel Gayer Fialho da Rosa, Mestre em Educação pela (UFRJ) / Rosilaine Sousa Araujo da Silva, Mestre em Planejamento Urbano e Ambiental (UFF). Coordenadores do PIBID de Geografia das FIC.

O presente artigo tem por objetivo demonstrar que a arte cinematográfica pode ser uma grande aliada do professor para o ensino da Geografia, pois as imagens transmitidas ao espectador o ajudam a interpretar o espaço e a ter uma melhor compreensão da relação sócio-espacial dentro de todos os tempos históricos desafiando-o também a refletir, despertando o interesse e fazendo com que a mensagem seja eficaz e capaz de definir uma linha de debate. Para tanto, utilizaremos como bibliografia o artigo “Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico” (2010), de Alexandre Aldo Neves e a obra *Cinema, Geografia e Sala de Aula* (2006), de Rui Ribeiro de Campos, indicado para leitura e apresentação para o grupo do Projeto PIBID Geografia FIC/FEUC, vale ressaltar que as leituras e apresentações feitas pelos colegas também tiveram grande influência na construção deste artigo, por isso, aparecem também citados em nossa bibliografia.

Vivemos atualmente o auge da linguagem visual e, por conta disso, o mercado industrial e cultural estão voltados para essa tendência, sendo assim as escolas não tem outra escolha a não ser trazer o audiovisual para dentro da sala de aula, pois é um meio não só de atrair a atenção de estudantes para as questões contemporâneas, mas para que se aprofundem nos conhecimentos da sociedade na construção do pensamento crítico. O Cinema, associado à Geografia, faz com que o Espaço receba outras formas de leitura e atividades atribuídas a ele. A Geografia pode ser muito dinâmica e interagir com diferentes áreas do saber incluindo as expressões artísticas, mais especificamente com a sétima arte. Segundo Alexandre Aldo Neves a Geografia utiliza conceitos estruturados assim como os outros saberes científicos, sendo os mais proeminentes: Espaço e Tempo, Sociedade, Lugar, Paisagem, Região e Território, mas o objeto central do seu estudo se diz respeito ao Espaço que promove ao longo de anos embates teóricos pelas mais diversas correntes do pensamento geográfico e debates que ultrapassam as fronteiras da Geografia.

Segundo Neves, o Cinema tem um papel importante para o homem no mundo atual. Desta forma, ler e interpretar o mundo de hoje para buscar elementos que nos orientem e localizem espacialmente, passa necessariamente pela análise do papel do Cinema na contribuição das nossas leituras e percepções do “real”. Nesse sentido, é necessário tentar compreender como o Cinema utiliza-se do espaço para a construção de suas narrativas.

Assim, entendemos que o audiovisual se torna um meio didático-pedagógico que não pode ser omitido, pois esse recurso é rico em detalhes e ilustrações dos conteúdos que podem ser adotados em práticas de pesquisas científicas pelos geógrafos. Todavia, o audiovisual não pode, de maneira nenhuma, substituir o professor que é um agente fundamental e

imprescindível no processo de ensino-aprendizagem, mesmo com a utilização recursos audiovisuais.

Outro fator importante que devemos levar em consideração é o entendimento de que nenhum filme seja, de fato, a representação da realidade concreta. Compreende-se que a obra cinematográfica vá passar uma mensagem de acordo com a posição ideológica ou política de seus produtores/idealizadores. Existe a questão etnocêntrica também em jogo, através da qual se entende que possa haver, por parte dos produtores dos filmes, ou de seus financiadores, a defesa de sua cultura e costumes e, a possibilidade de que sejam reproduzidas através dos filmes, ideias que apresentem a cultura de outras etnias como selvagens, ultrapassadas, inferiores, violentas e etc.

Percebemos nos filmes que vão tratar da África, por exemplo, que a imagem construída, é de um africano selvagem em detrimento de um branco herói (geralmente o norte americano e/ou europeu). Assim, o herói é sempre o mocinho branco de Hollywood, que luta intensamente contra os selvagens para defender a nação que veio trazer civilização e educação aos selvagens.

O mesmo acontece com o estereótipo do Brasil, no qual os filmes norte-americanos muitas vezes desqualificam nossa cultura, como se o país se resumisse basicamente em carnaval, samba, malandragem, favelas, mulheres seminuas e mulatas. Percebemos nesses filmes que os vilões saem dos Estados Unidos ou Europa, para se esconder no Brasil, pois, em diversos filmes, a imagem que é passada é de um lugar desprovido de lei, um lugar que abriga fugitivos de lugares nos quais as leis são realmente aplicadas.

É importante saber que um filme é um produto, e faz parte da cultura de massa, que por vezes, é imposta pelo sistema. Cabe a nós, como pesquisadores e graduandos, saber o que está por trás do conteúdo ideológico e político do filme que estamos indicando aos nossos alunos e que utilizamos em projetos pedagógicos.

Levando em consideração essas questões, enxergamos na possibilidade de unir linguagens distintas, tais como a Geografia e a cinematografia, uma rica ferramenta teórico-metodológica que possa enriquecer o ato de ensinar, expandir, para além da sala de aula, um conteúdo formal. Levar o aluno a refletir sobre o que está sendo construído, a fazer conexões entre ambientes que antes eram tidos como distintos.

O Cinema estrutura-se a partir de definições técnicas, artísticas e tecnológicas tais como formato, enquadramento, tipos de lente, edição, focalização narrativa, sequência de imagens, simultaneidade, etc. E como finalidade, entre tantas possíveis, destacamos aqui neste artigo, a função de retratar as relações socioambientais que existem, mesmo que estas não

sejam percebidas ou associadas de forma óbvia. Essas considerações nos trazem a necessidade de compreender o papel da imagem cinematográfica, pois esta pode ser rica em seu conteúdo, quando direcionada a determinada finalidade. Obtemos, deste modo, um enriquecimento de conceitos, como o de espaço (com descobertas de novos ambientes) e da própria noção do conceito relacionado ao Homem (como ser atuante nas relações espaciais).

Citamos o conceito de Espaço, pois este é indispensável para as relações em sociedade. Entende-se que conhecer o Espaço significa desvendar as diferentes práticas sociais, as relações de poder e as manifestações culturais que ao longo do tempo foram se transformando e que constituem o reflexo da sociedade moderna.

Assim como as áreas científicas, a cinematografia teve seus avanços, porém nem sempre foi deste modo. No início tínhamos quadros recortados que mal conseguiam representar a situação caótica da sociedade pós-industrial. Entretanto, com o desenvolvimento de algumas técnicas e da tecnologia houve o aprimoramento desta linguagem. Para Neves:

A sociedade contemporânea é caracterizada, dentre outras coisas, pela simultaneidade e sobreposição das relações espaços-temporais. Entretanto, para os primeiros filmes, representar a caoticidade do mundo atual era uma tarefa quase impossível de ser realizada. (NEVES, 2010, p. 146).

A tarefa de representação do caos em um mundo em permanente processo de transformação teria sido considerada impraticável, porém, a partir do momento em que a câmera ganhou movimento, através de carrinhos e trilhos, e passou a explorar mais seus conteúdos, houve uma evolução que permitiu que a câmera não apenas se deslocasse, mas que recortasse o próprio espaço. Houve a utilização dos elementos que estão inseridos e que compõem a paisagem geográfica. Entende-se que o Cinema os recrie, e que lhes dê novas formas de perceber e visualizar os meios concretamente vivenciados e que os explore com o intuito de atribuir sentido à narrativa fílmica.

Como retrata Oliveira Jr. (2006, p. 1), “A geografia de cinema seriam os estudos e os encontros com a dimensão espacial na qual as personagens de um filme agem”. Essa espacialidade é representada pelo local, ou seja, os lugares (cenários e estúdios) pelos quais a trama do filme se desenvolve, por onde os personagens se deslocam, e dão aos filmes elementos que podem ser inseridos em um conceito que mescle a Geografia e a cinematografia e que deem sentido à narrativa. Ainda, de acordo com Oliveira Jr. (2006, p. 2) “[...] é importante destacar que essa geografia produzida e arquitetada em um filme e que é

‘construída pelos passos e olhares dos personagens’ não precisa estar relacionada à geografia da superfície planetária.”.

Existe, então, uma relação entre a dimensão espacial e os lugares, nos quais o real não é posto na tela do cinema e o diretor dá continuidade a um espaço já conhecido pelo espectador, mas que não o pertence. Como aponta Oliveira Jr:

Ao cinema, o espaço é imposto como condição de existência. As cenas se desenrolam em *lugares filmicos* que muitas vezes se cruzam com lugares para além dos filmes, contaminando esses lugares com seus sentidos, seus ângulos, seus enquadramentos, redefinindo-os perante os espectadores. Esse processo de contaminação é mútuo: no cinema proliferam alusões a lugares criados pela Natureza e pelos discursos e práticas sociais, da mesma maneira, nestes lugares naturais e sociais proliferam alusões a lugares criados no cinema. (OLIVEIRA JR. 2006, p. 2).

O Cinema não deve se alimentar dessa espacialidade “real” de que ele se utiliza e se apropria com a intenção de garantir o seu funcionamento, mas usufruir e submeter essa espacialidade às suas criações e dinâmicas, tornando-as novas e múltiplas. Com toda essa capacidade de recortar e destacar os objetos são criadas inúmeras possibilidades e facetas que não são percebidas pela maioria de espectadores e apresentadas em um contexto amplo, dinâmico e complexo.

Com essa lógica, surgem perguntas sobre como eram ou como são os espaços que o Cinema constrói. Um exemplo é a cidade de São Paulo que vem servindo de fundo para várias criações cinematográficas, pois é uma imagem que carrega certa força histórica. Essa utilização de um espaço, picotado, evidencia regiões que já estão presentes no imaginário do homem e no seu dia a dia. São imagens pré-estabelecidas, mas que mexem com a imaginação do espectador.

O Cinema parece romper com os limites da realidade, proporciona e recria os elementos que fazem parte do nosso cotidiano. Assim, vemos sonhos, realidades e devaneios da vida em uma mistura de escalas de espaço e tempo, destacando pequenos detalhes do cotidiano e minimizando fatos consagrados.

A evolução do Cinema nos dias atuais é visível: a mídia, as últimas tecnologias e a forma como os filmes são produzidos, faz com que um número maior de espectadores tenha acesso a conteúdos que façam parte ou que despertem seus interesses. O Cinema brinca com o espaço e utiliza-se dele para manter-se, consideravelmente, em relação com o espaço geográfico.

Cabe ao geógrafo, como educador, inserir-se no processo de produção, utilizar-se da mídia cinematográfica para enriquecer as discussões acerca de seu conteúdo, pois a

possibilidade e a variedade de questionamentos sobre o que se passa por trás de uma imagem cinematográfica não possuem limites desde que o geógrafo se utilize de sua cultura e de seus conhecimentos específicos. É até possível estimular os questionamentos e a motivação para a criação de filmes específicos sob a orientação do próprio geógrafo, pois este teria uma focalização imediata sobre o público-alvo desejado: os alunos/as ou, até mesmo, os espectadores interessados pelo assunto desenvolvido.

A Geografia é uma ciência que se configura como representação do existir físico e social dos significados históricos desta relação, submetendo todo o processo de existência do homem sobre a superfície a um conhecimento específico e institucionalizado, que a consagra até os dias atuais.

Com esta observação devemos relacionar a disciplina com outras áreas do saber humano como a arte da cinematografia. Saindo do formalismo, criando novas formas de ver os conceitos dogmáticos que eram maçantes, de forma criativa e crítica. Pois a linguagem utilizada será a mesma, porém com um novo processo. Processo este que será elaborado pelo profissional de Geografia, que por sua vez deverá estar atualizado com a intenção de aproveitar sua linguagem e pautá-la pelas imagens da cinematografia.

Entende-se que participar deste processo de criação, não só enriquece aquele que irá ser o receptor de tal conteúdo, mas o profissional que o cria. Deve-se, ainda, considerar que o conhecimento que será construído e reaproveitado, quando necessário, poderá advir da utilização do Cinema, ou da produção de recursos audiovisuais em Geografia, tornar-se-á um caminho fértil para o fortalecimento na construção do conhecimento. Percebe-se, portanto, que a participação no subprojeto de Geografia PIBID/FIC permitirá o amadurecimento acadêmico dos bolsistas, bem como o entendimento de múltiplas metodologias para a prática docente na área de Geografia.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS de Rui Ribeiro. **Cinema, Geografia e sala de aula.** Estudos Geográficos, Rio Claro SP, p. 1-22, junho de 2006.

MARTINS, Bruna Morante Lacerda; BATISTA, Marinalva dos Reis. **O ensino de Geografia e a linguagem de Cinema.** V Encontro Interdisciplinar de Educação, Campo Mourão, jun. 2013.<http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/index.php?id=trabalhos-completos-geografia>. Data de acesso: 20 de Agosto de 2014.

NEVES. Alexandre Aldo. **Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico.** Dourados, MS: Entre-Lugar, ano 1, n. 1, p. 133-156 , 1º semestre de 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. de. **Chuva de cinema: entre a natureza e a cultura.** 1999.162 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. [Orientador: Prof. Dr. Milton José de Almeida].